Os pioneiros na conquista do Norte

Lembrando os nomes dos avoengos na celebração do Centenario

I PARTE

Faça-se de conta que os meus amigos de Bello Horizonte, numa hora de palestra, tenham a idéa exquisita de lembrar uma sabbatina (mesmo numa segunda-feira), sobre as chronicas do norte.

—Você é do norte, diriam elles. Falta assumpto para a palestra. Tem a palavra! Mostre que o sertanejo nortista já apprendeu os nomes de seus primeiros povoadores. Façamos o arremedo de uma classe de historia. Estamos na celebração do Centenario e não faz mal que recordemos os pioneiros do povoamento do nosso *hinter-land*, lá pelo norte.

—Oh! srs. amigos, que malvadez gostosa! Houve tempo em que me dei ao capricho de rebuscar chronistas. Li, sobre a penetração do nordeste, paginas de Capistrano de Abreu, Basilio de Magalhães, Washington Luiz, Tavares de Lyra, João Brigido, Irineu Joffily, Irineu Pinto, Barão de Studart, Rocha Pombo, Porto Seguro, as revistas dos Institutos Historicos do Rio, de Pernambuco, da Parahyba e do Ceará, li João Ribeiro, Galanti, Alfredo de Carvalho, Braz do Amaral, Coriolano de Medeiros, Oliveira Lima; li as actas do Dominio Hollandez (versões José Hygino e Souto Maior); li Jaboatão, li Pereira da Costa; li...

—Basta, basta! está muito vaidoso do que já leu, gritarão os amigos da banca examinadora. E' pretexto para fugir á exposição do thema.

—Pois bem! Passemos aos factos. A citação das fontes é de rigor nas palestras sobre a historia.

Peço a palavra. Vou ver si posso dar com cuidado minha licção de historia.

Quando eu me enganar, emendem. Não se pode permittir o assassinato ou mesmo um arranhão na historia nacional no anno do Centenario.

—Vamos logo á licção. Deixemos a profissão de nacionalismo para outro ensejo.

—Pois bem, começo.

Em 1589, a 23 de Dezembro, na varzea do Vasa Barris, Christovam de Barros derrota 20.000 indios chefiados por Baepeba e começa a construcção da cidade de São Christovam, Sergipe. Muitos expedicionarios alli se estabelecem com estancias de gado.

Em 1589 verifica-se a construcção do forte dos Tres Reis Magos no Rio Grande do Norte, e Jeronymo de Albuquerque faz amizade com Sorobabé, Pau Secco e Poty.

Em 1603 chega Diogo de Campos do Jaguaribe.

Em 1598 o capitão-mór Feliciano Coelho tomou conhecimento pessoal de parte do sertão parahybano numa viagem ao interior e depois venceu os indigenas.

A 19 de abril de 1610 a Camara da Parahyba dirigia extensa carta ao soberano portuguez (Warnhagen, pag. 469, nota—edição de 1854—Madrid) sobre a situação dos indios da capitania; a carta lembra que desde 1605 muitos indios tinham vindo do rio Jaguaribe e moravam na capitania da Parahyba, viviam satisfeitos preferindo permanecer junto aos colonizadores a voltar a seus sertões.

No final lembra a mesma carta que "Feliciano Coelho de Carvalho" foi o capitão que por mais largo e arriscado tempo serviu ao rei; "domou e poz em paz" a capitania parahybana.

Desde 1605 já, portanto, os indios do Jaguaribe davam a Feliciano Coelho e aos colonizadores noti-

cias e indicações exactas dos sertões do Ceará e o littoral parahybano.

Feliciano governou nove annos. Em 1601 havia na capital da capitania parahybana 14.000 indigenas "pitigaras" gentio da terra e outras nações.

Em 1603, Diogo de Campos, por mar, Pero Coelho e Martim Soares Moreno, por terra, chegam á foz do Jaguaribe.

Pero Coelho avança até o rio Camocim, bate os indigenas em varias refregas, vence Irapuan e Jurupary-assú e faz alliança com os chefes indigenas.

Em janeiro de 1604 estava na Serra da Ibiapaba.

Voltando, estabeleceu-se na foz do Jaguaribe, fundando o forte de Nova Lisboa.

Abandonado após pelo governador e por Soromenho, teve de voltar a pé, do Ceará á Parahyba; era tempo de secca; a viagem foi horrivel. D. Thomazia "foi o anjo tutelar e a figura heroica desta travessia cruciante" na qual morreram dois filhos.

Em 1607 partem os jesuitas Francisco Pinto e Luiz da Figueira para a Ibiapaba; Francisco Pinto é assassinado pelos indigenas. Foram "os primeiros missionarios que pisaram a serra".

Em 1610, Martim Soares Moreno, ao norte da ponta de Mucuripe, manda construir a ermida de N. S. do Amparo e um forte; o local chamou-se, mais tarde, Fortaleza (é a actual capital cearense).

Em 1614 dá-se a rendição de La Ravandiére com os francezes no Maranhão e fez-se a occupação do porto de S. Luiz.

A occupação do Pará completa a linha desta expansão, que se realiza no espaço de 32 annos (1584, Itamaracá—1616, Pará). No Maranhão, Bento Maciel, antes de 1618, é encarregado por Jeronymo de Albuquerque de levar uma grande bandeira ao interior dos sertões. Commetteu tantos horrores contra os indios que, ao voltar, foi preso. Si estas expedições "não

iam produzindo o povoamento, tinham, entretanto, o alto valor de firmar e espalhar entre os colonizadores o conhecimento da terra".

Em 1621 foi creado o Estado do Maranhão, independente do resto do Brasil. Verificou-se, segundo J. Ribeiro, que mais valia carregar os assucares por terra até Pernambuco, pela difficuldade da navegação; o Estado independente, subordinado a Lisboa, resolveu essa difficuldade.

Em 1640, do Maranhão para o Recife, já o assucar era transportado pelo interior.

O destino de cada uma das metades da colonia, deante do problema da conquista, diz Theodoro Sampaio, estava perfeitamente assignalado pela constituição geographica dos respectivos territorios.

O paulista, pelo seu habitat, tinha de ser o bandeirante por excellencia. A conquista dos sertões estava no seu destino historico.

Com os paulistas formou-se uma raça acclimada "ao solo e ao ceu do Brasil", e só uma raça nestas condições poderia, segundo o historiador sergipano, realizar a empresa formidavel da penetração no interior. Sebastião Alvares e João Coelho de Sousa, entre 1574 e 1580, fazem duas entradas, partindo da Bahia para explorar o S. Francisco. Um delles consome quatro annos e meio nesta empresa e João Coelho de Sousa, descendo, provavelmente a favor da corrente do mesmo rio penetra mais de 100 leguas acima de um sumidouro que Capistrano suppõe ser a cachoeira de Paulo Affonso. (V. Basilio Magalhães, pag. 23).

Entremos no cyclo sergipano. A conquista de Sergipe, diz João Ribeiro, abriu o caminho do sertão agreste, além de Itabaianna; dahi é que irradia a expansão sertaneja até o rio Parnahyba (Piauhy).

Partindo do rio Real, Belchior Dias Moreira, por oito annos, percorreu o sertão (1596-1604), tocando em Massacará, Monte Santo, Serra da Jacobina e depois, voltando pelo valle do São Francisco á Serra da Itabaianna.

Em 1628, Francisco d'Avila, o velho, e Glimmer, partindo da Torre d'Avila, caminharam seis semanas, sempre em direcção ao norte". Em 1626 (19 de julho) o capitão hollandez Uzeel, com indigenas e soldados, realizou uma entrada, caminho do Rio Grande do Norte; fez longo percurso por mattas bastas.

Foi, talvez, a primeira no Rio Grande do Norte, segundo F. Lyra.

Em 1631, o indio Marciliano, dizendo-se enviado dos Janduys, apresenta-se aos hollandezes e os induz a realizar uma exploração ao interior do Rio Grande do Norte.

A 13 de outubro de 1631 partiu do Recife uma expedição, sob o commando de Albert Smient, capitão, visando "colher dados exactos sobre a situação e recursos da região". Percorreu o littoral parahybano e rio-grandense.

A 10 de novembro de 1631 Smient fez desembarcar no Rio Grande do Norte uma pequena força. Esta aprisionou João Pereira; nos papeis que possuia o prisioneiro encontraram-se informações pormenorizadas sobre o Ceará (Tavares de Lyra, 450 – Dominio Hollandez no Brasil). Vê-se pelo exposto que os hollandezes deviam ter conhecimento exacto dos caminhamentos e veredas do interior do Rio Grande e do Ceará. Os tapuias alliados forneceram-lhes, sem duvida, todas as informações necessarias. Pelos documentos do periodo hollandez sabemos que havia então nas campinas do Rio Grande do Norte 20.000 (vinte mil) cabeças de gado.

No "Diario ou Breve Discurso acerca da rebellião", diz o auctor hollandez, que do Rio Grande do Norte para Pernambuco iam naquelle tempo barcos carregados de viveres.

Ora, eu não creio, que havendo no Rio Grande do Norte 20.000 bois em 1630, a capitania só fosse conhecida numa extensão de doze leguas do littoral para o interior, como assevera Nassau na carta de 14 de janeiro de 1638.

Mauricio de Nassau fala na mesma carta em 4 freguezias existentes na capitania; cita o nome de tres e silencia o quarto nome, mostrando não sabel-o.

E' que lhe faltavam, no momento em que escrevia a carta, dados seguros e rigorosos, não ha duvida nenhuma. Do periodo hollandez citam-se ainda as empresas de Elias Herckman, a de Niemeyer, a de Mathias Beck e a de Barau. Elias, que era um escriptor de talento, com uma expedição de 173 pessoas, partiu do Recife em 1641. Fez travessia penosissima pelas mattas e pelo sertão deserto até o morro de Copaoba. Alfredo de Carvalho escreveu sobre o assumpto.

Niemeyer seguiu para Itabaianna (Sergipe). Mathias Beck velejou para o Ceará, fazendo explorações em Maranguape.

Elias Herckman chegara até o local "onde hoje se edifica a cidade de Areia. Seguiu contra a corrente do rio Parahyba, encontrando inscripções hieroglyphicas etc.

Parece que foi em 1643, escreve I. Pinto, que um tal aventureiro hollandez Rudolph Barau, mais conhecido pelo nome de Roulor Baro, effectua uma viagem aos sertões desta capitania.

No Rio Grande do Norte as tribus tapuias "fizeram causa commum com os invasores e com elles, em 1634, celebraram "alliança formal".

Pelo testemunho de Ehrenreich e Oliveira Lima, os tapuias, durante a guerra hollandeza, occuparam o interior do Rio Grande e do Ceará. Generalizando-se o nome do principal destes indios, ficaram, segundo T. de Lyra, com o nome de *janduis*. Estes tapuias que ajudaram os hollandezes moravam no Assú e no Jaguaribe; tinham descido buscando os sertões de Pernambuco e fizeram, por este tempo, as maiores atrocidades no engenho Ferreiro Torto.

Ora, é crivel que os indios alliados falassem aos hollandezes sobre os sertões parahybanos e cearenses.

II PARTE

Os sertões no norte da Bahia foram em grande parte dados pelo governo portuguez, diz Braz do Amaral, a pessoas importantes da colonia e entre estas deve ser citado o celebre Garcia d'Avila. Na margem pernambucana do Rio S. Francisco a casa da Torre, fundada pelo mesmo Garcia, possuia 250 leguas de testada e, partindo do rio para o norte, a extensão desta propriedade chegava a 80 leguas. E' sabido que Garcia d'Avila tinha sido um protegido de Thomé de Sousa.

Em 7 de setembro de 1613, o governador da Bahia, Balthazar de Aragão, deu a Francisco Dias d'Avila patente de commandante da Gente de Jacuhipe (Bahia).

Este é Francisco Dias d'Avila, o velho, e é o tronco do nome. (V. Revista do Inst. Hist. Brasileiro, tomo 85 – Basilio de Magalhães).

A 20 de Janeiro de 1621 casou o velho Avila (neto de Garcia) com Anna Gago. Destes nasceu Garcia (bisneto) e de Garcia nasceu o 2.º Francisco Dias d'Avila, o que penetrou no Piauhy. Este Francisco d'Avila nasceu em 1645 e morreu em 1695. Teve morte infeliz, cahira na loucura e expirou abandonado pelos proprios filhos e netos. *Sic transit gloria mundi !*

Peço licença para dar a arvore genealogica da familia Avila, que exerceu papel importante na civilização do norte.

Caramurú
|
Genebra Alvares
|
Diogo
|
O 1.º Francisco d'Avilla
|
Garcia
|
O 2.º Francisco d'Avila

Os troncos são dous, o de Caramurú e o de Gar-

cia d'Avila Juntam-se pelo casamento de Diogo, neto de Caramurú, com Izabel, filha de Garcia d'Avila.

Garcia d'Avila

|

Izabel

|

O 1.º Francisco d'Avila

|

O 2.º Francisco d'Avila

A juncção do tronco será assim exposta :

Diogo— —Izabel

|

Francisco d'Avila (o 1.º)

O 2.º Francisco d'Avila é neto paterno do 1.º

A casa da Torre arrendava estes terrenos a 10$000 por legua annualmente. Em 1702 estabelece-se a missão de Geromoabo—sertões bahianos. Poucos annos depois o Padre Euzebio Lima alli baptizava 3.700 indios; estes foram aldeiados pelo mesmo sacerdote.

Todo o trecho entre o S. Francisco e o Vasa Barris foi territorio de missões como Pambu, Geromoabo, Massacará.

Jesuitas e franciscanos alli se fixaram depois da queda do dominio hollandez no Brasil, aldeiando tribus de Cariris e Cachimbés.

A 22 de abril de 1690 Domingos Netto Pinheiro era nomeado capitão mór dos Mocambos de Geromoabo até o rio S. Francisco. Já em 1649 Antonio Raposo havia realizado a sua arrojada façanha; partindo de S. Paulo attingiu o rio Paraguay, ganhou depois o Guaporé e o Mamoré e entregou-se á corrente do Amazonas, chegando a Gurupá. (V. Washington Luiz).

Agora algumas palavras sobre a penetração no interior do Ceará.

O 1.º bispo de Pernambuco, D. Estevam Brioso de Figueiredo, depois de 1678 mandou um missionario ao interior do Ceará.

João Brigido, que passou dous annos folheando os

documentos referentes ao interior do Ceará, affirma a existencia do foral pelo qual o capitão-mór e governador do Ceará concedia em 1718 o senhorio das terras á margem do riacho Genipapeiro á familia Lobato, figurando como donatarios o tenente coronel Antonio Mendes Lobato e dous filhos.

E nos documentos de Icó encontrou-se o nome do padre José Mendes Lobato, filho do coronel Antonio Mendes Lobato. O escriptor cearense attribue a estes dous Lobatos, pae e filho sacerdote, a segunda bandeira que penetrou nos sertões ao sul do Ceará. Suppõe-se que a primeira entrada foi guiada por Medrado, escravo do vaqueiro da fazenda Varzea (no S. Francisco) ou algum outro aventureiro, desses «que já tinham explorado os sertões do S. Francisco».

Dizem as tradições cearenses que na fazenda da Varzea formou-se uma bandeira de 200 homens para auxiliar os Cariris na lucta contra os Cariús.

Deixando o S. Francisco dirigiu-se á serra do Araripe, chegou á Cachoeira de Missão Velha. Desceu pela margem do Salgado e foi acampar no Icó dominado então pela tribu Calabaça

A segunda bandeira parece ter sido conduzida pelo coronel João Mendes Lobato e pelo padre J. M. Lobato. Vieram ao Icó, remontaram o Salgado e vieram á Cachoeira «junto ao brejo de Missão Velha».

A terceira foi a que fez João Correia Arnaud, o qual tinha recebido uma doação de terrenos do Caritê, Burity Grande e Cachoeira. Na matriz de Missão Velha (Ceará) encontraram-se documentos que demonstraram que João Correia Arnaud chegou ao Cariri em 1706 ou 1707.

Mas não foi em 1706 o descobrimento do Cariri, raciocina J Brigido. Datam de 1603 os primeiros estabelecimentos de Pero Coelho á margem do rio Jaguaribe.

«Não é crivel que povoado o valle deste rio, suas cabeceiras podessem restar tanto tempo desconhecidas, sendo tamanho o furor das descobertas naquelle tempo.

Esta descoberta teve logar muito antes de 1706 e algum tempo depois de 1590.

Em 1647 já o Icó e o valle do rio Jaguaribe eram tão ricos de gado que d'ahi João Barbosa Pinto, official de João Fernandes Vieira, conduziu 700 (setecentos) bois (viagem pelo interior) para abastecimento do exercito independente».

A exploração do rio Salgado foi um facto quasi contemporaneo ao descobrimento dos sertões cearenses, expõe João Brigido (APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DO CARIRI—Typ. Gazeta do Norte, 1888). Suas margens serviram para a via de communicação que relacionou quasi immediatamente os colonos de origem bahiana com outros oriundos do littoral de Pernambuco e da Parahyba, que occupavam o baixo Jaguaribe.

Suppõe João Brigido que a penetração no Cariri se deu de 1660 a 1860. Não concordo. A leitura attenta de historiadores e chronistas, o exame das condições daquella época e do temperamento dos colonizadores, tudo leva a crer que a penetração no Cariri se realizou durante o tempo do periodo hollandez.

Quando em Pernambuco todos sabiam que havia bois magnificos no rio Jaguaribe, não é comprehensivel crer que no Ceará os creadores ficassem adstrictos aos terrenos no baixo Jaguaribe. Elles, naturalmente, procurariam distender sempre para as cabeceiras do rio seus terrenos de criação.

Opino que em 1640 alguns colonos já haviam chegado ás cabeceiras do Jaguaribe; os creadores cearenses do baixo Jaguaribe já deviam conhecer por este tempo o rio Salgado.

Si não o occuparam logo, é de suppor como causa a opposição dos indigenas.

Sabe-se que o Cariri tinha reputação de terreno aurifero.

O seu primeiro nome foi Minas do Cariri, para aquelles tempos o mais forte dos chamarizes.

Relembremos a figura de Domingos Jorge Velho.

Num quadro, que é uma obra prima, Benedicto

Calixto procurou recompor os traços physionomicos de Domingos Jorge Velho. Contemplemos um instante o perfil imponente deste paulista, que foi um dos grandes desbravadores do nordeste.

Ha nesta figura algo de patriarcha biblico e de campeador medieval; alliaram naquella complexão de athleta a imponencia dominativa de Abrahão e a «bravura romanesca de um cavalheiro» de Carlos Magno...

Delatam-se no porte avantajado do guerreiro o aprumo e a complexão inteiriça «que são no soldado a báse physica da coragem». Sente-se vivamente que a natureza forjou e temperou aquellas fibras para o embate rude e as fadigas devorantes na conquista da terra virgem. . .

A physionomia é illuminada por um reflexo «dessa majestade selvagem que avassala o deserto e que fulgurou um dia nos olhos do cavalheiro arabe e do guerreiro tupy».

Os olhos são pequenos e penetrantes, denunciando a resistencia indomita e o peito em chammas daquelle condottiere affeito ao commando, á chacina e á lucta no labyrintho das caatingas e no afogamento dos sertões.

Arde naquellas pupillas a mesma luz crúa e viva «que desce deslumbrante e implacavel dos céos sem nuvens» nos plainos dilatados do nordeste.

A aba larga do chapeu soergue-se para que se illumine aquella fronte vasta, arejada de ardimento, sobre a qual resvalaram os sóes de quarenta annos de lucta ferocissima na vastidão espinescente e pedregosa dos sertões brazileiros.

Dão-lhe aquellas barbas, aquellas sobrancelhas e aquelles traços do nariz uma expressão de severidade rigida e auctoridade soberana. . .

Bastos bigodes negros cobrem-lhe a bocca, mas adivinha-se que, entre fuzilações de relampago, aquella voz trovejou um dia, em syllabas rispidas e golpeantes como lategos de maligna divindade. . .

Devia sair possante, como a de uma garganta de bronze, a voz de Domingos Jorge Velho acordando as cordilheiras tristes e dominando os chapadões interminos.

Mil vezes, daquelles labios explodiu a colera, tempestuosamente, como uma lava em furia e o fogo que tão sinistramente incendiou aquella face não a deprimiu, não lhe amorteceu os contornos de medalha: modelou-a como se aprimorasse o bronze de um legionario de Homero: galvanizou-a.

O peito do vencedor de Palmares parece dilatar-se num gesto «desafiador de sobranceria larga».

Descança a mão esquerda naquelle trabuco que tantas vezes fez estremecer os sertões vastos d'além S. Francisco; dir-se-á que o bandeirante esboça involuntariamente uma attitude imperativa de força orgulhosa e desdem dominador. Devia ter «a flexibilidade do tigre no arremesso e na lucta» aquelle capitão de matto.

Trahe-se no conjuncto d'aquellas linhas a energia formidavel d'aquelle organismo em que se conjugaram, de maneira insolita, as ambições de um senhor feudal e as arrancadas de um beduino. . .

Para aquella figura bronzea de bandeirante só a molduragem selvatica da terra escalavrada e dos horizontes incendiados na terra atormentada dos coremas e pimenteiras, no imperio vasto dos carirys ferozes.

Como é interessante a figura deste legionario de Homero, que veio surgir na historia brazileira sob o «travesti» do campeador colonial!

*
* *

Nesta palestra singela, lembramos os nomes principaes dos pioneiros da penetração do nordeste. São paginas estas, em nossa historia, onde ha lances dramaticos, scenas patheticas, e estrophes soluçantes, como a morte de Francisco d'Avila e a jornada pungente do donatario do Ceará e o martyrio dos jesuitas na Ibiapaba.

Saudemos a memoria dos grandes batedores do deserto.

O brazileiro que estuda geographia, diz Oliveira Vianna, não póde conter um motivo de orgulho justo.

A nossa gente portugueza e brasileira, os nossos maiores, fundadores do Brasil, conseguiram firmar o maior patrimonio da terra.

Os nossos bandeirantes eram, sem saber, geographos que punham a geographia ao serviço de um idéal nacional e por isso caminharam para a frente, avançaram para augmentar o patrimonio da raça.

Emquanto outros colonos se installavam e enriqueciam, nós nos espalhavamos.

E que grande idéal, que grande conquista essa dispersão representa! Assim o Brasil tem um aspecto geographico unico: é a maior area de terra que um só povo occupa sem solução de continuidade; somos, sob este ponto de vista, o maior povo da terra.

Esse patrimonio, que os nossos maiores nos legaram, é a maior riqueza de nossa raça e demonstra a sua força e predestinação.

*
* *

Srs.; eu ouço a voz da raça cantando hosanna, tripudiando de santo jubilo, entoando neste centenario a alleluia das santas esperanças. Estamos numa hora solemne. Sejamos dignos da soberana belleza deste minuto.

Proponho que no dia 7 de setembro passemos, de pé, em silencio, dois minutos, cultuando a memoria de nossos avoengos, pensando nos mortos gloriosos e elevando o espirito até Deus em prol da Patria.

Hosanna!

Sursum corda!

Padre HELIODORO PIRES

Collegio Arnaldo—Bello Horizonte.